

A CABANA DO PAI TOMÁS (REDE GLOBO, 1969): UM RELATO SOBRE BLACKFACE

Candido, Sofia Bernardino Grunewald; Mestranda; Universidade de São Paulo, sofia.grunewald@usp.br¹

Borges, Maria Eduarda Andreazzi; Doutoranda; Universidade de São Paulo, mariaeduardapesquisa@gmail.com²

Viana, Fausto; Livre-docente; Universidade de São Paulo, faustoviana@uol.com.br³

A pesquisa aqui apresentada é uma breve análise sobre o uso de blackface pelo ator Sérgio Cardoso na novela “A Cabana do Pai Tomás” exibida pela TV Globo entre 7 de julho de 1969 à 1 de março de 1970, com um total de 205 capítulos. A autoria da novela é de Hedy Maia, com direção de Fabio Sabag, Daniel Filho, Régis Cardoso e Walter Campos.

Em 1969 o ator Sérgio Cardoso, deixa a TV TUPI para estrear como o protagonista da nova produção da Rede Globo, “A Cabana do Pai Tomás”, uma adaptação de Hedy Maia do romance homônimo da estadunidense Harriet Beecher Stowe, em que “a trama aborda a luta política, social e econômica entre escravos e latifundiários no Sul dos Estados Unidos, à época da Guerra de Secessão, focalizando a vida do escravo negro Tomás (Sérgio Cardoso) e sua esposa, Tia Cloé (Ruth de Souza)” (GLOBO, 2003, p.18).

Mas espera, o Sérgio Cardoso era um homem branco. Como ele iria interpretar um protagonista negro? Foi então, que a emissora importou um produto da Holanda que o “transformava” através de maquiagem em um homem negro. Para além disso, ele tinha que “pintar o corpo, usar peruca e rolhas no nariz” (idem, pp.18-19) e assim, a emissora começou a utilizar da prática de blackface.

Uma coisa é usar maquiagem nas artes cênicas como ferramenta de composição do personagem, e outra e muito diferente, é usar deste recurso para transformar um ator branco em um ator negro e isso sim é inadmissível! Mesmo porque à época já se sabia que não era politicamente correto.

¹ Mestranda no Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP), bacharela em Têxtil e Moda pela Universidade de São Paulo (EACH/USP), pesquisadora voluntária e integrante do Núcleo de Traje de cena, indumentária e tecnologia da Universidade de São Paulo.

² Doutoranda e Mestre em Artes pela ECA-USP. Especialista em Moda Criação pela Faculdade Santa Marcelina - FASM (2012). É integrante do Núcleo de Traje de Cena, Indumentária e Tecnologia e do Fayola Odara - Grupo de Pesquisas Estéticas e Culturais Africanas e Afro Diaspóricas. Foi uma das organizadoras dos livros *Dos bastidores eu vejo o mundo* (volumes 8 e 9) e *Tenda de Umbanda Oca de Tupã do Caboclo Tuano - 43 anos de boas histórias*.

³ É professor de cenografia e indumentária no Departamento de Artes Cênicas da ECA/USP. É autor, entre outros, dos seguintes livros: *Para documentar a história da moda: de James Laver às blogueiras fashion*; *O Traje de cena como documento*; *Dos cadernos de Sophia Jobim. Desenhos de história da moda e de indumentária e o figurino teatral e as renovações do século XX*.

Mas então por que a TV Globo fez uma escolha assim tão arriscada? Simples! Porque quem indicou Sérgio Cardoso como protagonista foi a “agência de publicidade Colgate-Palmolive, uma das subsidiárias da empresa norte-americana que patrocinava a produção de novelas no Brasil na década de 1960” (idem, p.19) e eles não queriam perder o investidor.

No entanto, o fato não passou despercebido pelo dramaturgo Plínio Marcos e a partir de 2 de maio de 1969, lançou manifestos contra a decisão da emissora na coluna Navalha na Carne do Jornal Última Hora, onde no primeiro artigo disse que “o Tomás, que é um personagem negro, vai ser vivido por um ator branco. Vão tingir o panaca de preto. Vão deixar uma curriola de bons atores crioulos fazendo papel de esparro. E o branco tingido se badalando de estrela... os atores negros sabem como seria ridículo eles se pintarem de branco... Eles só querem fazer o Tomás. Mostrar que têm talento. E isso não é racismo. É um direito do homem de cor”. (MARCOS, 2024).

Já a atriz Ruth de Souza rebateu dizendo que “não vejo razão para reclamações. Há muita gente querendo defender o negro, enquanto êle, na realidade, não pediu defesa nenhuma... Sérgio sempre fêz seus trabalhos com muita dignidade - o judeu, o português, o italiano. Não vejo por que também não possa fazer dignamente o negro... não é verdade que Sérgio tomou o lugar de um negro, porque todos os artistas negros que conheço estão trabalhando, ou estão ligados a novelas, ou fazem outra coisa. Isso de se pintar branco de prêto, afinal, nem é coisa nova: Paulo Autran já fêz Otelo, Maria Della Costa e Sebastião já se pintaram para trabalhar em ‘Gimba’” (INTERVALO, 1969, pp. 12-13).

Entre opiniões contrárias e favoráveis a novela não atingiu o sucesso que era esperado pela emissora, mas por outro lado é até os dias de hoje comentada pelo erro que cometeram ao acatar o uso de blackface.

Para a análise foram usados os referenciais teóricos em Globo (2003), Marcos (2024) e Viana (2017) e como complemento jornais e revistas da época.

Palavras-chave: traje de cena; blackface; A Cabana do Pai Tomás.

